

Relatos

PRÁTICAS DE SOCIOLINGÜÍSTICA EM SALA DE AULA: EM BUSCA DA CONSCIENTIZAÇÃO E MINIMIZAÇÃO DO PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

Maridelma Laperuta Martins *
chomsky1928@yahoo.com.br

* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP, *campus* Araraquara – docente do Centro de Educação, Letras e Saúde da UNIOESTE, *campus* Foz do Iguaçu-PR.

Este texto visa a relatar, muito resumidamente, o que foi a pesquisa, por mim realizada, como parte do desenvolvimento do curso de Pós-Graduação em nível de doutorado na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Tendo como suporte teórico a Sociolinguística, na sua vertente Variacionista¹ e também educacional² e a Pedagogia de Paulo Freire³, os resultados alcançados na pesquisa sustentam uma discussão a respeito das possibilidades reais de uma **conscientização sobre a existência do preconceito linguístico** na sociedade e as **chances de se reverter essa situação por meio da escola**.

A pesquisa se origina a partir de questionamentos meus a respeito das razões de haver entre alunos e professores tantos discursos que conotam um sentimento de inferioridade com relação à língua que falam, e também (às vezes, principalmente) à língua que os outros falam, como se ninguém soubessem “falar direito”; um sentimento de que não sabem português. Nas palavras de Mariani (2008), comentários como “não sei falar português direito”, “mal sei falar a minha língua”, “português é muito difícil” mostram uma mescla de um absurdo e de uma evidência: *Trata-se de um absurdo porque podemos nos perguntar como é possível alguém dizer que não sabe falar sua própria língua materna. E como é possível que isso se mostre para o sujeito como uma verdade, uma evidência sobre si mesmo?* (2008:28). Onde estaria a origem desse sentimento de que a língua portuguesa está posta num patamar acima das capacidades desses falantes, como algo quase inatingível?

Esses questionamentos que (de modo subjetivo) eu tenho chamado de “inquietações”, me fizeram querer não apenas buscar a gênese dessas “crenças”

¹ Fonseca & Neves (1974); Labov (1972); Weinreich, Labov, Herzog (1968), entre outros.

² Bortoni-Ricardo (2004) (2006);

³ Freire (1980); Freire & Faundez (2011); Freire (2011); Freitas (2004); Jorge (1979), entre outros.

que são incoerentes com a realidade natural da língua, mas também fazer algo para que isso seja modificado. Além disso, também me levaram a assumir como hipótese que é possível realizar um trabalho de conscientização a respeito da existência do preconceito linguístico e que esse trabalho deve ser feito na escola.

Assim, a proposta da pesquisa foi a de que, por meio da escola, das aulas cotidianas de língua portuguesa dadas em 4 turmas, fosse possível apresentar aos alunos os fundamentos teóricos da Sociolinguística, por meio de **discussões e diálogos** realizados em conformidade com o nível etário das turmas. Essas discussões foram feitas de forma **incisiva**, com atividades e num trabalho conjunto desta pesquisadora com os professores das turmas.

Primeiramente, realizei a seleção dos professores que participaram da pesquisa, apenas convidando alguns que eu já conhecia, por terem sido meus alunos de graduação ou já terem participado de projetos de extensão na universidade onde trabalho. Assim, seis professores se dispuseram a participar, sendo que, desses, escolhi quatro, em função das séries em que estavam atuando: três que trabalharam com 6º. ano do EF e um, com 1ª. série do EM. A. Isso porque também foi objetivo do trabalho verificar se os resultados poderiam ser semelhantes em turmas mais avançadas. Considerando que as crenças preconceituosas com relação à linguagem podem ser constatadas desde muito cedo, julgamos mister que um trabalho, como o aqui relatado, seja iniciado também muito cedo, com as crianças ainda no EF.

Cada professor trabalhou com uma turma em uma escola diferente. Três dessas escolas ficam na cidade de Foz do Iguaçu, quais sejam: as das turmas que eu denominei 6º B, 6º C e 1ª A; a outra, a escola da turma denominada 6º A, fica na cidade de São Miguel do Iguaçu, cerca de 40 km de Foz. As quatro escolas pertencem à rede pública do Estado do Paraná.

A escola do 6º. A se localiza na zona urbana da cidade e tem aproximadamente 1300 alunos. A turma com que trabalhamos tinha 29 alunos, com idades entre 10 e 12 anos. Sempre muito participativos de todas as propostas que a professora fazia. Uma das alunas desta turma, comentando em casa sobre o projeto e o que a professora estava dizendo em sala de aula, fez com que a mãe procurasse a professora para pedir esclarecimentos: "Como

assim, você disse pra minha filha que ela não fala errado? Ela não tá aqui na escola pra aprender o certo?”.

A escola da turma do 6º. B se localiza numa região nobre da cidade de Foz do Iguaçu; possui aproximadamente 2400 alunos. A turma com a qual trabalhamos tinha 26 anos, com idades entre 10 e 11 anos, extremamente interessados em todas as discussões feitas em sala. Das 4 turmas, foi a que mais se sobressaiu na pesquisa. As aulas eram sempre agitadas, os alunos, muito questionadores, curiosos, sempre tinham algo a acrescentar àquilo que a professora dizia. Apesar dessa característica positiva, também havia alguns alunos que se destacavam por mostrarem, explicitamente, uma atitude preconceituosa com relação àquilo que os colegas falavam. Ao final dos trabalhos, os resultados mostraram que essa turma foi a que mais apontou mudança nas suas crenças, depois de todo o trabalho realizado com ela.

A escola da turma do 6º. C foi criada para atender uma comunidade extremamente carente. O bairro onde ela está surgiu em decorrência de um desfavelamento. Com o tempo, o bairro cresceu e surgiu a necessidade de uma escola para atender a comunidade. Hoje, a escola também é de E.F., E.M. e E.J.A. A turma com a qual trabalhamos tinha 32 alunos com idade entre 10 e 12 anos. Das quatro turmas, essa era a mais tímida e quieta. Contudo, nela, encontramos um aluno que mostrou ter se identificado com o objetivo que propusemos. Em uma das aulas, nos contou que a patroa de sua mãe (empregada doméstica) vive dizendo que ela fala errado, porque não consegue efetuar a concordância nominal de acordo com a norma padrão, dizendo, por exemplo, “dois real”. Contou ainda que a mãe lhe pediu ajuda para “aprender a falar direito” porque já estava envergonhada com os comentários da patroa. Na ocasião, disse ao aluno que ele poderia ajudá-la, sim, mas além de ensinar a ela a variante padrão, deveria dizer-lhe que sua patroa não tem direito de constrangê-la com isso, pois ninguém fala errado, o que existe são variedades linguísticas e, socialmente, algumas são valorizadas e outras não.

Por último, a escola da 1ª. A, do E.M., também se localiza numa região de periferia da cidade, sendo os alunos pertencentes a diversas classes sociais. A turma com que trabalhamos era composta de 25 alunos com idade entre 14 e 16 anos. Como qualquer outra turma de adolescentes, eram um pouco dispersos e

menos interessados que as crianças dos 6^{os} anos. Como fora esperado, embora tenha havido mudança nas crenças destes alunos ao final dos trabalhos, esta foi a turma que obteve, percentualmente, um índice menor de mudança.

Antes de começarmos as atividades em sala de aula, com os alunos, ficamos (eu e os professores) durante 4 meses, com encontros a cada 15 dias, estudando e debatendo alguns textos que versavam sobre a Teoria Sociolinguística, a questão da variação linguística (sua relevância para a educação, atualmente), a existência do preconceito linguístico na sociedade e na escola e os males que eles causam para as pessoas. Começamos falando sobre o Multilinguismo no Brasil, o quanto se ignora essa realidade, apesar das novas políticas que vêm sendo implementadas, e o quanto a escola poderia fazer para divulgar isso. Antes de iniciarmos esses grupos de trabalho, realizei entrevistas semiestruturadas (anexo 1) e apliquei um teste de crenças (adaptado de Cyranka (2007)) (anexo 2), instrumentos que foram utilizados novamente depois de encerrados todos os trabalhos. O objetivo foi conhecer um pouco das crenças dos professores a respeito da língua(gem), como trabalham com essas questões e verificar se houve alguma mudança nessas crenças, com o trabalho realizado.

Depois, iniciamos as atividades com as 4 turmas acima descritas. Primeiramente, também apliquei aos alunos um outro teste de crenças (também adaptado de Cyranka (2007)), que nos revelou o que eles pensavam sobre a linguagem e sobre a língua que eles e os outros falam (anexo III). Depois, trabalhamos de acordo com os pressupostos da teoria variacionista, com atividades que os levavam a **discutir, debater e questionar** o modo como a língua (no caso, a língua portuguesa) é colocada, de modo geral, pelos professores aos alunos na escola. Vimos, de forma abreviada, a questão do multilinguismo no Brasil, como aqui não se fala apenas português; que esse português é diferente do falado em Portugal e vimos, mais demoradamente, os tipos de variação linguística existentes - variação diatópica, diafásica, diamésica e diastrática. Para cada um desses tipos, procuramos atividades que fizessem os alunos terem ideia das dimensões da Sociolinguística, da relevância de se considerar os interlocutores e o contexto em que ocorre a interação, na análise da fala. Durante todas as discussões, sempre surgia a questão do preconceito

linguístico, sua ligação com a variação diastrática (bastante enfatizada), seus malefícios e a necessidade de uma mudança de atitude frente a ele.

Mas o diferencial de todo o trabalho foi a metodologia de ensino utilizada pelos professores (sempre com minha participação): a proposta de **conscientização** que está explícita na bibliografia de Paulo Freire, por meio de **diálogos**, despertando a **curiosidade** dos alunos, frente às questões que eram colocadas.

Ao término de todas as atividades, no final do semestre, voltei a aplicar aos alunos o mesmo teste, com a intenção de compará-lo ao primeiro e detectar (estatisticamente) possíveis mudanças em suas crenças sobre a língua. Analisamos cada uma das respostas dadas às assertivas constantes do teste em cada turma e também o resultado geral. Abaixo, a título de exemplificação, pode-se visualizar, pelos gráficos, a mudança ocorrida na crença dos alunos das 4 turmas, no que se refere a uma suposta **atitude** diante de uma fala considerada "errada" pela sociedade.

GRÁFICO 1

"O que você faria se ouvisse um colega seu falando a seguinte frase: *Nois ponhemo os livro tudo nas muchila?*" 1o. teste

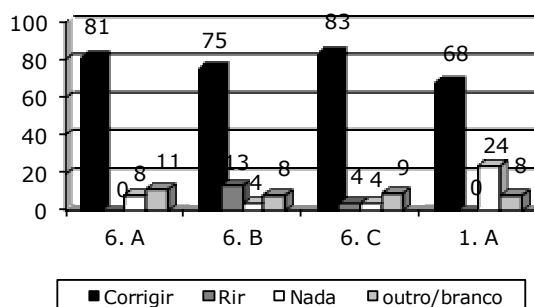
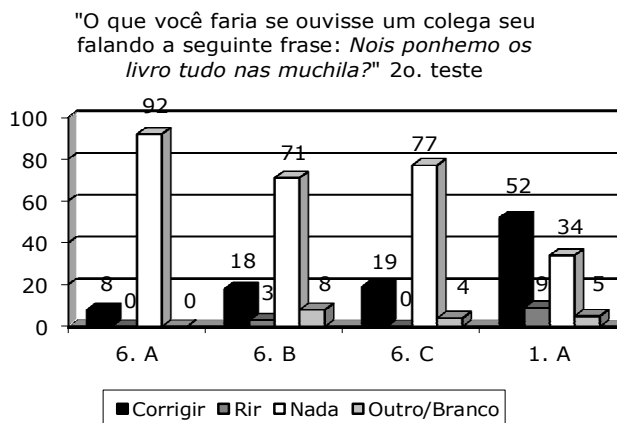


GRÁFICO 2



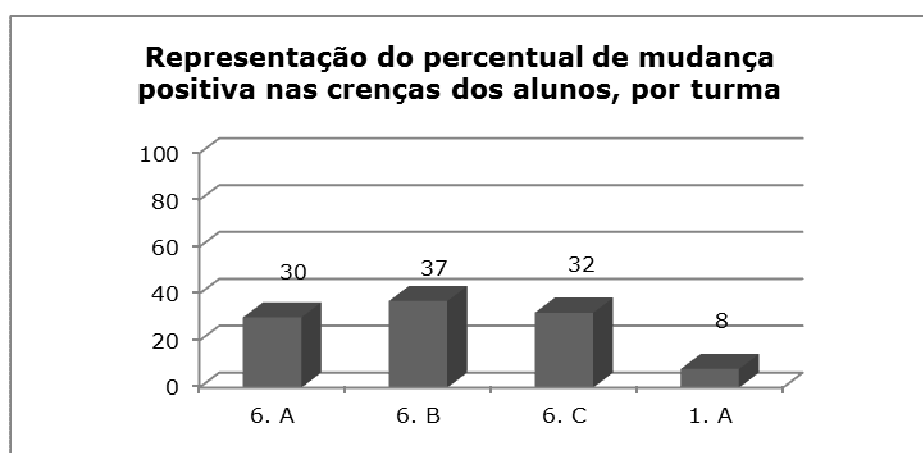
Como é possível observar, o gráfico 1 mostra⁴ a atitude dos alunos das 4 turmas antes do trabalho em sala de aula. Entre as respostas dadas à pergunta: "O que você faria se ouvisse um colega seu falando *nois ponhemo os livro tudo nas muchila?*" havia "corrigir", "rir" e "nada"⁵, o que tabulamos, encontrando um resultado muito alto para "corrigir". Isso mostra suas crenças no "certo e errado" da língua e a necessidade de corrigir quem fala "errado". Já no gráfico 2, resultado dos testes aplicados depois das atividades, a situação praticamente se inverte: a maioria dos alunos de todas as turmas mostra que não faria "nada" diante de alguém que falasse uma variedade não padrão da língua. É possível observar também que, de todas as turmas, apenas a 1ª. A, do E.M. tem um percentual acima de 50% para a resposta "corrigir" no segundo teste, o que confirmaria nossa hipótese de que quanto mais tarde se inicia um trabalho de conscientização sobre questões linguísticas e preconceito, mais difícil ele será.

Os resultados gerais e todas as análises foram reportados na tese que defendida. Por ora, finalizo dizendo que esses resultados corroboram as análises que foram feitas durante as aulas, em cada uma das turmas. Verificamos que os três 6^{os} anos tiveram um aproveitamento melhor durante o desenvolvimento das

⁴ Esses números representam o percentual das respostas consideradas na legenda.

⁵ Esse "nada" significa que o aluno acha normal o que ouviu e que, portanto, não é necessário que algo seja feito diante desse modo de falar.

atividades e nas discussões, do que a 1ª. série A. Ratificamos que esse resultado aponta o caráter emergencial de se realizar trabalhos incisivos como este até mesmo antes do 6º. ano. Entre os três 6ºs anos, o 6º. B se destacou tanto na “quantidade” de participações nas discussões como na “qualidade” das mesmas, ou seja, as colocações dos alunos dessa turma eram, na maioria das vezes, mais pertinentes do que as colocações dos alunos dos outros 6ºs anos. Esse resultado equipara-se com o obtido pela análise geral, dos testes, de todas as turmas. Veja o gráfico abaixo pelo qual é possível visualizar isso:



Nesse gráfico, observamos o percentual de aumento de respostas, por nós consideradas corretas, dadas a todas as assertivas propostas no teste. Esse aumento significa a **mudança positiva nas crenças dos alunos**. O 6º. B é a turma em que é possível verificar o maior percentual desse aumento, seguido do 6º. C, depois, do 6º. A e por último, a 1ª. A.

É verdade que esses percentuais são todos abaixo dos 50%, o que significa pouca mudança nessas crenças. Contudo, triangulando todos os resultados dos testes com as análises das aulas e também as discussões ocorridas nos grupos de trabalho com os professores, as entrevistas que com eles realizei, antes e depois do trabalho todo, e também os testes de crenças, também aplicados antes e depois dos trabalhos⁶, o saldo qualitativo é bastante positivo. Foi explicitamente perceptível a mudança na postura dos professores, envolvidos no trabalho, com relação ao que consideravam “certo e errado” na

⁶ Dados sobre os quais não vamos nos referir aqui, por motivo de espaço e pela ênfase maior dada às atividades realizadas **com os alunos**.

língua. Uma das professoras se destacou ainda por uma mudança de atitude com relação a corrigir a fala dos alunos inconsequentemente. Eis um trecho do que disse na entrevista final: “*agora, eu sempre digo para o meu aluno que ele tem sim que aprender a língua padrão, mas nunca que ele fala errado...*”. Quanto aos alunos, muitos deles são representados pelo que uma aluna do 6º ano B nos escreveu no último dia de aula:

*Apreendi que não devemos julgar uma pessoa pela sua variação linguística. Cheguei a uma conclusão que 50% (sic) da população **considera o modo não-padrão errado** e isso consertesa (sic) é um preconceito que eu tinha antes de aprender que o modo não padrão não é “errado”, mas sim um jeito diferente... meu aprendizado foi muito bom porque com isso **posso repassar a outras pessoas e tentar evitar um pouco o preconceito linguístico.** (grifos meus)*

Referências

- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. **Nós cheguemo na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.
- FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Pedagogia da conscientização- Um legado de Paulo Freire à formação de professores**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- JORGE, J. Simões. **A ideologia de Paulo Freire**. São Paulo Loyola, 1979.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- MARIANI, B. *Entre a evidência e o absurdo: sobre o preconceito linguístico*. **Cadernos de letras da UFF: preconceito linguístico e cânone literário**, Niterói, v. 36. p. 27-44, 2008.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Empirical foundations for a theory of language change*. In: Lehmann, W. e Malkiel, Y. ed. **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press: 1968.

ANEXO I

Entrevista semiestruturada – professores (roteiro)

1. Professor (a), me conta o que você sabe sobre a língua falada no Brasil... todo mundo fala português..., tem gente que não, como é que é isso, segundo a sua visão?
2. Como você acha que as pessoas falam o português? Falam bem, razoavelmente, falam mal... e por que você pensa assim?
3. Você acha que português é uma língua difícil? Por quê? De onde você acha que vem essa afirmação?
4. Como você trabalha a gramática em sala de aula? Dá exercícios de metalinguagem? Você acha que isso é importante? Por quê?
5. Você acha que o ensino de gramática ajuda os alunos a se expressarem, falarem melhor? Em que sentido?
6. Na sua escola, os PCN são seguidos?
7. O que é variação linguística?
8. Você trabalha com variação linguística na turma? Como?
9. O que é gramática? Me dá uma definição bem *precisa* disso.
10. Sobre normas. O que é norma pra você, dentro da questão da linguagem? Há várias normas? Há diferença entre norma padrão e norma culta?
11. Você acha que a função da escola é ensinar norma culta/padrão?
12. De um modo geral, você acha que os portugueses falam melhor que nós brasileiros? Por quê?
13. O que é preconceito linguístico?
14. Como você acha que o preconceito linguístico poderia ser enfrentado?

ANEXO II

Teste sobre crenças – professores

Você encontra abaixo, algumas afirmações sobre a língua portuguesa. Diga se cada uma delas é verdadeira (V) ou falsa (F), apenas, de acordo com o que **você pensa** sobre cada uma delas.

(adaptado de Cyranka (2007))

1. "No Brasil, falamos todos a mesma língua" ()
2. "A língua falada no Brasil é a língua portuguesa" ()
3. "No Brasil, de modo geral, fala-se mal o português" ()
4. "Portugal é o país em que melhor se fala português" ()
5. "No Brasil, há lugares em que se fala melhor o português e outros, em que se fala pior" ()
6. "Na escola, deve-se ensinar, apenas, o português padrão" ()
7. "Os livros didáticos de português, de todas as séries, desde o 5º. ano, deveriam trazer à tona, para discussão a questão das variantes linguísticas" ()
8. "Os livros didáticos deveriam trazer exercícios gramaticais apenas de epilinguagem e **não** de metalinguagem⁷" ()
9. "A gramática é uma só – **não** existem várias gramáticas" ()
10. "A gramática **não** deve ser ensinada na escola" ()
11. "Norma padrão é aquela falada pelas pessoas mais escolarizadas" ()
12. "Norma popular é aquela falada pelas pessoas menos escolarizadas" ()
13. "Norma padrão e norma culta **não** são sinônimos" ()
14. "**Não** se deve ensinar "errado" na escola, por isso, **não** se deve dizer ao aluno que "os menino" **não** está errado, porque está" ()
15. "Para se escrever bem, deve-se aprender gramática" ()
16. "A língua escrita é mais importante do que a língua falada" ()

⁷ Grosso modo, o exercício gramatical epilinguístico é aquele em que o uso da norma padrão é ensinado (exemplo: uso da crase). Já o exercício gramatical metalinguístico é aquele em que os nomes dos termos são ensinados (exemplo: defina oração subordinada).

17. "Eu falo muito bem a minha língua (português)" ()
18. "As pessoas com quem eu convivo (família, amigos, etc), de modo geral, falam muito bem a sua língua (português)" ()
19. "Em qualquer situação da vida, posso falar do mesmo jeito" ()
20. "A língua que eu falo (português) é uma língua muito difícil" ()
21. "O jeito de falar de pessoas mais escolarizadas é mais elegante do que o de pessoas que não têm escolarização" ()
22. "A escola deve ensinar português padrão porque isso é um direito de todos" . ()
- 23 "A escola deve ensinar português padrão porque esse conhecimento vai fazer o aluno ascender socialmente" ()
24. "Deve-se ensinar gramática na escola porque ela é uma ferramenta para tornar a comunicação mais efetiva" ()
25. "Os portugueses falam o mesmo idioma que os brasileiros, mas a distância entre o falar e o escrever deles é quase inexistente, mesmo nas camadas populares" ()
26. "Em Portugal, nas escolas, investe-se na correção do idioma, por isso, eles falam de acordo com a gramática normativa" ()
27. "As pessoas analfabetas falam errado" ()

ANEXO IV

Teste sobre crenças - alunos

Nome:

Idade:

1. Responda V (verdadeiro) ou F (falso) a cada uma das afirmativas abaixo, de acordo com o que você pensa sobre o assunto. Caso não saiba responder alguma, deixe em branco. Caso precise explicar alguma coisa, utilize o espaço abaixo da afirmativa.

- a) No Brasil, todos falam a mesma língua – a língua portuguesa ()
- b) A língua portuguesa é muito difícil ()
- c) Eu não sei falar muito bem a minha língua ()
- d) Eu não escrevo muito bem a minha língua ()
- e) A língua escrita é mais certa que a língua falada ()
- f) Para escrever bem, eu devo melhorar meu jeito de falar ()
- g) A linguagem dos livros é mais bonita que a linguagem que as pessoas falam .. ()
- h) Em Portugal, se fala melhor a língua portuguesa do que aqui no Brasil ()
- i) As pessoas que moram nos grandes centros urbanos falam melhor do que as que moram em zonas rurais ()
- j) As pessoas que moram nas regiões centro-sul do Brasil falam mais bonito do que as que moram nas regiões do norte e nordeste ()
- k) Os adultos falam melhor que os jovens ()
- l) As pessoas mais ricas falam melhor do que as pessoas mais pobres ()
- m) Quanto mais as pessoas estudam, mais corretamente elas falam ()
- n) As pessoas analfabetas falam errado ()
- o) Eu preciso aprender a falar corretamente para, no futuro, arrumar um bom emprego ()

- p) O bom professor de português fala difícil ()
- q) O bom professor de português deve corrigir a fala do seu aluno ()
- r) Para escrever direito, é preciso aprender gramática ()

2. Você já ouviu falar em preconceito linguístico? Se sim, diga o que é.
3. O que você faria se ouvisse um colega seu falando a seguinte frase: *Nois ponhemo os livro tudo nas muchila.* ?